

menção honrosa - 2º lugar

Pseudônimo: Bobzimm

Se podes ver, repara

Fernando Baião Viotti

Graduando em Letras

Ele está diante do balcão do bar. A mão vai apenas pela metade sobre o balcão, enquanto alguns dedos balançam nervosamente. Fica olhando o movimento de uns e outros ali defronte, com um rosto sério e pensando, pensando, pensando. Se realmente compreendeu. Algumas vezes na vida sentira muros desabarem dentro de sua cabeça, revelando um pedaço do cérebro que sabia estar lá, mas não podia, ver, vá lá. Agora, a essas horas, quando já deveria estar deitado, dormindo, sonhando principalmente, tenta imaginar a própria cabeça e vê apenas uma grande cúpula, escura, sem janelas, de ficção científica, vazia, não, quase, ele mesmo vaga lá dentro, pensando essa é a minha cabeça, com o peito apertado, esperando as coisas virem. Por que a compreensão não tem o seu simulacro?

*

Dois dias antes saíra de casa tolamente animado. Flertando de mentirinha com todas mulheres que via, esquecendo-se um pouco do emprego que odiava, de suas dívidas e de suas insônias. Era feriado, e um feriado vazio, de liberdade plena, que dedicaria aos rituais de costume, um jornal, uma cerveja, um pensamento aqui outro ali, artimanhas que, para ele, como para muitos, eram indispensáveis. Sentado no bar, com o jornal quase lido, reparou no homem da mesa ali ao lado dizendo-lhe alguma coisa. Inclinou-se apurando os ouvidos, bestamente curioso, repentinamente interessado no que aquele homem, que nunca vira, teria a lhe dizer. Naquele momento, com

o calor e outras coisas invisíveis já a sufocá-lo, não poderia nunca desconfiar que acabara de ficar, ele próprio, como a mão, apenas pela metade sobre o balcão, enquanto alguns dos dedos balançavam rentes, pra lá e pra cá, pra cima e pra baixo, nervosamente.

– Moço, se digo não é á toa, garanto que o senhor nunca viu nada igual. Compartilho a coisa assim, sem mais nem menos porque o senhor tem cara de ser gente boa.

A curiosidade alimenta-se de si própria. De que diabos estaria falando o tal sujeito? O terrível das vidinhas medíocres é isso, qualquer novidade vulgar toma vulto.

– Desculpe, não ouvi direito...

Disse que o senhor nunca viu coisa igual, e que só compartilho porque...

– Não, antes.

– Bom, negócio seguinte, cheguei a pouco de viagem, norte da África, aqueles lados. O senhor não queira saber o calor. Porra, chega a sufocar a gente, por aqui também não fica atrás, olha a minha camisa, como tá empapada, mas é que eu fui pra África buscar umas mercadorias, coisa lícita, claro, e por lá a gente encontra umas figuras, o senhor já foi? Pois é, quando for vai ver, quando eu penso que já vi de tudo na vida, pinta viagem pra África e pronto. Olha, é de abalar as estruturas. Minhas certezas desabam, já passou por isso? É o melhor jeito de te explicar. As minhas certezas cara, elas desabam.

Com um tempo de conversa é normal deixar essa coisa de senhor de lado.

– E o que foi que aconteceu na África?

– Pois é, cara, aconteceram mil coisas, o que eu estava contando é sobre uma figura que eu encontrei. Tem um mercado na Tunísia, onde a exemplo do que acontece com mercados em geral, você encontra de quase tudo, e eu estava lá nesse mercado quando de repente, também a exemplo de mim aqui com você, um sujeito me abordou. E esse sujeito disse ter uma coisa pra me vender. Porra, cara, como eu te disse não é a primeira vez que eu viajo pra África, e eu não sou bobo, qual é, se fosse você, lá na África, sozinho, com o bolso cheio de dinheiro vivo, num puta do um mercado no meio da Tunísia, o que você faria? Ia ficar de conversa com um desconhecido? Um sujeito estranho, magérrimo, meio com cara de árabe, árabe você já viu como é,

dizendo que tem uma coisa pra te vender...Mas a curiosidade é foda, de modo que eu acabei ficando lá, ouvindo o que esse suposto árabe tinha pra me oferecer. Engraçado, olha que engraçado, foi uma situação parecidíssima com essa aqui, juro cara, eu fiquei lá ouvindo com uma expressão tipo a sua assim, meio desconfiado, enquanto o cara...

– Não estou desconfiado.

– Não, não interpreta mal cara, um misto de desconfiança e interesse, sei lá, talvez querendo disfarçar que eu já estava mesmo é louco pra saber o que o sujeito tinha pra me oferecer, e quando isso acontece é normal tentar disfarçar um pouco não é verdade? Você não vai se entregar assim de bandeja, nem se fosse coisa de amor, ainda mais sendo lance de dinheiro, é ou não é? Pois então, o sujeito me chamou num canto e lá estava uma preta linda, assim da sua altura, numas roupinhas provocantes, eu logo pensei, pronto, sabia, quando chega um sujeito na surdina, dizendo tenho “uma coisa” pra te vender ou é arma ou é bagulho ou é mulher. Só que nesse dia não era.

– Não era?

– Não, cara, não era.

– Mas a mulher não estava lá, roupinha provocante, coisa e tal...

– Estava. Mas não pra se prostituir, quem sabe até pra seduzir, mulher você já viu, quando quer uma coisa...Mas pra se prostituir não, eu quando vi, há dez dias sozinho na Tunísia, fiquei tentado, até me cheguei pra ela, só mesmo pra ganhar um olhar de desprezo, sabe como? De sedução também, mas principalmente de desprezo. O árabe, suposto árabe, nem ligou, ele continuava com a mesma expressão, uma expressão assim distante, sem emoção, meio de superioridade até.

– E aí, você não perguntou então o que era?

– Calma, cara, eu tive que me segurar um pouco, não ia deixar transparecer que eu pensei que a preta fosse uma puta, talvez até fosse, mas além de puta podia ser também filha, ou mulher do suposto árabe, e esses caras se ofendem à toa, então eu fingi uma descontração repentina, e como tinha sorrido pra ela sorri igualmente pro árabe, entendeu? Mas sei lá, a coisa toda continuava muito estranha, pois nenhum dos dois parecia ligar muito pra mim, de todo modo eu fiquei esperando, vamos ver o que vem agora, nessa hora o árabe mandou a preta abrir uma caixa que ela vinha trazendo dentro de um saco.

– E o que tinha dentro?

– Areia.

– Areia?

– É, cara, areia, uma areia clara, bem fina, estilo praia paradisíaca sabe como?

– Uma caixa cheia de areia?

– É. Aí, cara, agora é que você não vai acreditar, o árabe se transtornou, começou a explicar que não podia fazer aquilo, mas não tinha alternativa, sua família estava passando fome, e apesar dos juramentos aos seus antepassados sobre guardar segredo, precisava vender aquela areia, e se iria fazê-lo, que fosse para um estrangeiro, pois sua vergonha seria menor.

– E você?

– Eu me desabei de rir. Que papo louco é esse? Vender uma caixa de areia, logo pro trouxa aqui? É capaz, por isso que eu digo, cara, na África tem cada figura...

Espera aí, aí acabou?

– Não, aí o árabe ficou muito nervoso, com os olhos até meio marejados, me mandando prestar atenção e perguntando se eu sabia o que estava escrito num templo de não-sei-quem na Grécia, e eu disse que não, e ele disse, está escrito “Conhece a ti mesmo e conhecerás o universo”, e eu disse muito bom, profundo, cá entre nós, pra dizer a verdade nunca me interessei muito por essas merdas gregas, meu negócio é comércio, e o árabe disse, sim, muito mais profundo do que você imagina, e ao pegar na palma de sua mão um punhado dessa areia, retirada do fundo de um oásis na minha aldeia, você terá uma compreensão de si próprio como jamais sonhou.

– Como é que é?

– Ah, essa foi boa! “Como é que é?” Incrível, cara, foi exatamente isso que eu disse, “como é que é?” E sabe o que o doidão respondeu? Que aquela areia era mágica, e esse era um segredo guardado há muitas gerações e blá, blá, blá, e ele iria me vender uma caixa daquele tesouro, mas “atenção!” disse ele, desse jeito mesmo que eu estou te mostrando, fazendo a maior enenação, que árabe filho da puta, “uma vez tocada pela mão de um homem, o punhado de areia perde o seu poder, e para ter efeito o punhado deve ser suficiente para preencher todo o interior de uma mão fechada”.

– E o que você fez?

– Olha, cara, pra te dizer a verdade eu tive muita pena daquele homem, pedindo o suficiente para comprar comida pra sua família em troca daquela areia esquisita, e além do mais, a caixinha era bonita, então eu comprei.

– E funcionou?

– O quê?

– A areia, funcionou?

– Como assim? Cara, você tá maluco? Onde já se viu falar em “areia da compreensão?” Já tá de fogo, hein? Eu te disse, comprei por piedade, e por causa da caixinha. Acabou que depois, quando eu cheguei no hotel, bom, você sabe, curiosidade mata, eu sabia que não ia acontecer nada, mas à noite, deitado na cama, com aquela caixa de areia logo ali não deu pra resistir.

– Então você pegou um punhado?

– Peguei.

– E aí?

– E aí nada.

– Não aconteceu nada?

– Não. Era estória, óbvio. Mas olha só se a caixinha não é bonita...

*

Depois de chegar em casa naquele feriado, colocou as coisas dos bolsos sobre o criado-mudo, tirou os sapatos e sentou-se no chão, aos pés da cama. Ficou se olhando no espelho, prestando atenção nos seus olhos, na sua boca, no nariz de que não gostava, e no saco plástico com um punhado de areia em suas mãos. Quem era ele? O que era ele? Até onde gostaria de ir? Não, não vai pegar esse punhado de areia nas mãos. Porque tem medo do que pode ver, porque sabe que não sabe quem é, porque lhe basta o que outros lhe dizem sobre isso, e não saberá o que fazer quando o punhadinho de areia disser o contrário, porque não consegue fazer nada quando está nervoso, sem rumo ou lugar, como uma mão, cujos dedos, parte deles, deslocam-se nervosamente, pra lá e pra cá, pra cima e pra baixo, sem parar, rentes ao balcão sobre o qual a mão a que pertencem repousa.

No dia seguinte levantou-se sabendo que o melhor era esquecer tudo. Esquecer. Levantar-se. Trabalhar. À noite fora ao bar de costume, beber alguma coisa, quem sabe paquerar um pouco. Sentou-se de olhos na porta, sem poder deixar de ver a mocinha linda que vinha entrando, rindo muito

do que as amigas lhe contavam, e chamando a atenção também de outros com as lindas pernas que trazia de fora. A moça parou um pouco à porta, sabia que quando passasse os homens se virariam para olhá-la, mas desinibida como era nem se importou, continuou entrando, e continuou rindo e continuou apenas, para sempre, não sem antes reparar no homem sentado no banco ali adiante, tomando cerveja, olhando para ela, com uma das mãos pela metade sobre o balcão, e, sobre as pernas, descansando, a outra, fechada, da qual escorria aos poucos por entre os dedos, indo cair no piso sujo do bar, uma areia finíssima, muita branca, daquelas de praia paradisíaca.